

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA SALA DE AULA

Omar Carrasco Delgado

Jornalista e Mestre em Educação e Professor de Comunicação
Social e Pedagogia - Faesa

Tornou-se um lugar-comum deduzir que a chamada revolução tecnológica, determina, há muito tempo, uma nova ordem econômica e social no mundo globalizado. De fato, os avanços da tecnologia provocaram uma verdadeira revolução em todos os campos da atividade humana. Se novos hábitos foram introduzidos no âmbito da investigação científica e tecnológica, interessa-se, particularmente, em como a rápida expansão dessas novas vias de comunicação devem ser adotadas na educação. É fundamental a integração da escola com o cotidiano do aluno. Há que se refletir e trabalhar a comunicação como mediadora, para que se proceda a transformação da natureza da escola inserida e crítica frente às conservações e transformações na sociedade. Deve-se levar em conta as mudanças de paradigmas mas conscientes de que nem todas foram favoráveis à sociedade conforme se verifica nos primeiros resultados da globalização na informação e educação. Qual seria então o futuro da educação, a saber, o futuro da própria sociedade, tendo em vista os novos meios tecnológicos? E o que seria uma comunicação escolar? Em particular, a comunicação escolar é aquela cujas interações se desenvolvem no ambiente da escola, entre diretores, coordenadores, professores, alunos e pais de alunos, como parte de uma comunicação mais ampla, social. E essa comunicação, social ou escolar, tem que estar comprometida com a construção do cidadão - corpo, espírito e mente -, nas transformações do mundo, para que continue a aprender por toda a vida e se

comprometa tanto com a aprendizagem quanto com o trabalho colaborativo. Que contribua para melhorar a vida individual em seu país. De modo análogo pode-se dizer que faz-se imprescindível hoje - enfatizando sempre os devidos cuidados de seleção - atingir o estágio ideal da educação, utilizando o desenvolvimento tecnológico nos meios de comunicação. Os relacionamentos entre comunicação e educação na sociedade, incluindo os meio de comunicação, merecem elaborações mais aprofundadas e compromissadas com a melhoria da qualidade da vida na sociedade. É preciso assumir que o novo paradigma tecnológico trouxe novas exigências quanto aos atributos dos trabalhadores - e os alunos são exatamente os trabalhadores de amanhã - e requer mais preparo e educação permanente para o mercado de trabalho que cujas funções estão sempre em constante mudanças. As novas tecnologia em educação não significam inovações com os quais se decoram as escolas:

“o que importa, realmente, é o uso que se faz dela”¹.

Todavia o mesmo aluno que se encontra na sala de aula, como leitor de livros, revistas, jornais, gibis, copiador das mensagens do quadro-negro e ouvinte do professor, é também, na sua casa, no bar da esquina, no clube, ouvinte de rádio, usuário de computador e de Internet et. Aprender a ler de maneira crítica faz parte de um processo importante para a educação e que, às vezes, não é devidamente considerado durante o período da escola, pois, ajuda as crianças adotarem atitude de leitores críticos quanto às informações inseridas nos textos.

¹ Revista Comunicação e Educação n.05 pág. 10 - 1996

1. USO DE RECURSOS PEDAGÓGICOS NA FORMAÇÃO

A filosofia de uma utilização de recursos pedagógicos, assim como uma assistência tecnológica na educação, visa o pleno desenvolvimento do ensino. Ainda que mereça interesse especial por parte dos educadores “nem sempre tem sido devidamente dimensionada ou apresenta os resultados esperados”². Existem maneiras distintas de usar as técnicas e processos participativos da comunicação visual, conforme Renata Villa Lobos: “Muitas vezes identificados como uso exclusivo para o trabalho com grupos de base”³, uma vez que simplifica a reflexão do assunto, “são secundarizados e mesmo descartados em estudos considerados mais sérios ou em aprofundamentos temáticos”⁴. Poderá também ser uma “atividade educativa á aplicação de técnicas participativas e à combinação de meios de comunicação. Isso converterá os formadores em operadores, desconsiderando a perspectiva transformadora do processo educativa”⁵. Para se formar sujeitos do próprio processo educativo é preciso conceber uma proposta metodológica em que os recursos pedagógicos são ferramentas na construção de idéias e pensamentos, na elucidação da prática social; no resgate do conhecimento historicamente acumulado; no desenvolvimento de um instrumental de análise teórico, favorecendo a sua apropriação e incidência real na prática política”⁶.

De acordo com esse ponto de vista, o uso de recursos pedagógicos “vai sempre responder a objetivos específicos de uma determinada estratégia educativa, desempenhando a função

² Revista Forma e Conteúdo - agosto/1990 - n.02

³ id.ibdi.

⁴ id.ibdi.

⁵ id.ibdi

⁶ id.ibdi

de motivar, exercitar a reflexão e a análise, sintetizar, proporcionar a vivência coletiva das realidades particulares das nossas atividades formativas e confrontar as suas práticas”⁷ . Conhecer, saber utilizar no momento oportuno e conduzir corretamente são critérios fundamentais para a seleção de um recurso. Fatores como o número de participantes, as condições ambientais e o tempo disponível, quando não são dimensionados podem provocar verdadeiros *desastres pedagógicos*⁸ . Considerando “a diversidade de fatores que intervêm em um processo de formação e que incidem na aprendizagem, precisamos sempre levar em conta o carácter de complementaridade dos recursos pedagógicos com funções diferentes”⁹ podendo ser agrupados para maior eficácia da atividade educativa. “Os recursos pedagógicos devem ser apoio e um estímulo para a atividade e a participação. Aqueles que propiciam atitudes passivas ou um uso deste tipo se convertem em contraproducentes para o processo educativo”¹⁰ .

O que surge como o grande repto para os formadores é o exercício da imaginação e criatividade, afim de modificar, adequar e criar novos recursos pedagógicos que lhes permitam enfrentar as situações específicas do processo educativo, sem se ater às técnicas e aos materiais em si, mas ao conjunto do processo de formação e da proposta metodológica.

⁷ id.ibdi

⁸ id.ibdi

⁹ id.ibdi

¹⁰ id.ibdi

2. COMO OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO USARIAM A ESCRITA E AS IMAGENS

Conforme os Cadernos da TV Escola, “o aprendizado da leitura envolve um aspecto importante da formação das pessoas”¹¹. Tal aspecto, via de regra é menosprezado no ensino, a saber, “o de contribuir para as crianças possam construir uma postura de leituras atentas e críticas em relação às idéias e informações que obtém através dos textos”.

Se partimos da premissa que a sociedade da informação é uma sociedade pós-literária, na qual a leitura está sendo substituída pela telecomunicação eletrônica, como fica dentro deste contexto a leitura? “Antes de poder ter suas próprias opiniões sobre os textos que lêem, as crianças aprendem sobre suas qualidades com os adultos leitores que as cercam e, a escola, com seus professores. Com crianças, os alunos tendem a considerar que se o professor pediu para ler, é porque aquele texto tem algum valor”.

Cabe ao professor, dar às crianças, o discernimento necessário para que possam ter uma visão crítica e entenderem o quanto uma propaganda, assim como pode estar em consonância com a verdade, também ser extremamente enganosa. Poderá citar diversos exemplos de como, tanto outrora como ainda hoje em dia as pessoas que cometem esse crime eram e são punidas. Assim, tendo sua própria visão crítica com sujeito à propaganda, “as crianças transformam a publicidade em objeto de estudo, terão ocasião para desnudar sua linguagem, intuir seus méritos e defeitos, sua eficácia e poder de inserção na vida cotidiana”.

¹¹ CAVALCANTI, Zélia in Escrita e as Imagens nos meios de Comunicação.

Sobretudo tendo clareza para ver que em publicidade, parafraseando o ditado, nem tudo tem uma aparência de verdade, é, de fato, verdade.

3. JORNAL NA SALA DE AULA

Existem várias maneiras como jornal pode ser usado em sala de aula, tais como o comentário de um assunto que esteja em pauta, estimulando as crianças a irem além do que foi escrito na matéria. Além disso, o jornal é uma fonte de conhecimentos gerais, como cataclismas, fenômenos naturais de modo geral, estudo de orçamento econômico (o que pode ser levado a efeito a partir dos próprios lares), ter uma dimensão humana dos acontecimentos através das entrevistas, etc.

As crônicas também servem a este fim, pois o articulista está envolvido com o fato que descreve, diferentemente do repórter, que deve ser o mais objetivo possível.

Há várias maneiras para que se forme uma pequena redação mirim na escola, relatando não só os fatos ocorridos nas classes e salas de aula, como também os principais acontecimentos da semana ou mês. “ A necessidade de introduzir as fontes das notícias, caso tenham sido colhidas de outros jornais, os cadernos e assuntos, os títulos e sua diagramação constituem uma série de normas de um meio de comunicações específicos, no qual cada detalhe tem seu valor e importância”. Resumindo, o jornal é um veículo cuja importância reside essencialmente no fato de ajudar a criança a perceber “perceber a complicada trama da existência e as diversas nuances da percepção e da verdade, a medida em que, no decorrer de seu processo de escolarização,

passa a perceber que existem mais pontos de vista do que o dela mesma”.

4. OS QUADRINHOS ENTRE A CRIANÇA E O PROFESSOR

Como, pois, deveria proceder o professor a fim de aproveitar de modo efetivo os quadrinhos em sala de aula? seriam as histórias em quadrinhos de modo absoluto textos de ficção? É preciso considerar “certas operações cognitivas que são realizadas especificamente, ao se ler quadrinhos”. A professora Maria Thereza Rocco entende que, inicialmente, “o professor deve contar às crianças um pouco da história dos quadrinhos. Dizer como são feitos. Falar de alguns, mais conhecidos” e então, explicaria a natureza do exercício que deverá ser feito, escolherá uma história curta: depois disso, suprimindo os balões de texto, mostrará os quadrinhos sem textos às crianças; utilizando-se de um recurso lúdico, separará as crianças em grupos e cada grupo não poderá se comunicar com o outro na confecção do trabalho, entregará a cada grupo uma cópia da história; não recorrendo a auxílio visual, os alunos deverão fazer uma versão própria, “dois textos (um de cada grupo) são eleitos para serem lidos em classe, e no final, todos os textos produzidos são expostos em um painel e desenhos podem ser feitos, intermediando leituras e escrituras”.

5. PODER DA TELEVISÃO: A LINGUAGEM

Não podemos imaginar hoje o mundo sem a existência da TV. As crianças, por exemplo, crescem sob sua influência direta, para bem ou mal. Elas ocupam seus dias desde a manhã diante do aparelho e antes de dormir, igualmente, estão lá. Daí se deduz, naturalmente, que o convívio com a família e outras atividades ficam comprometidas. Aí tem-se desde filmes a programas de auditório, desde musicais a programa humorísticos e, hoje em dia, programação erótica e religiosa também não faltam. Naturalmente, muito desses programas tem sua inerente e indiscutível qualidade; outro tanto, é claro, fica em muito a dever. “É sem dúvida maior o volume de horas diárias dedicadas a material que gera impacto negativo, principalmente sobre as crianças”.

A partir do advento da TV e seu sucesso popular, passaram naturalmente a surgir seus críticos, a maioria deles condenando o veículo. É frequente que se diga ser a televisão culpada, por exemplo, pelo fato de as crianças já não gostarem de ler; isso não é verdade, bastante para constatá-lo ver grandes intelectuais de nossa época, que cresceram na época áurea da TV e permanecem sendo leitores diletantes. A história mostra as crises que sempre atingem as novas linguagens que caracterizam os novos inventos. A causa de tal crise é bem definida por Umberto Eco quando afirma: “Toda modificação dos instrumentos culturais, na história da humanidade, se apresenta como uma profunda colocação em crise do modelo cultural (ECO, U. - Apocalípticos e Integrado) que procedeu”.

Não há como se negar que o computador e televisão modificaram substancialmente esse final de século, e que é

imenso seu poder de sedução. “A melhor maneira de resolver os problemas econômicos sociais, políticos e educacionais da era pós-literária, é analisarmos as consequências da mudança de um sistema de comunicações dominado pela palavra impressa para um sistema dominado pelos meios de comunicações eletrônicos”, ou seja, no aspecto do qual estamos tratando, é necessário ver com isenção sem preconceito o poder da televisão sobre nossas crianças e saber utilizá-lo de modo reflexivo.

6. PROPOSTAS PARA O ENSINO DE LEITURAS E ESCRITAS: POTENCIALIZAR O PAPEL DOS PROFESSORES

Segundo a professora Maria Thereza Rocco, existem dez mandamentos, que são na verdade orientações o sentido de ajudar em seu trabalho na sala de aula. Naturalmente não são recomendações para serem seguidas rigorosamente mas apenas orientações, que os professores adaptarão conforme suas necessidades e conveniências.

São eles:

- Professor que trabalha com leitura e escrita deve atender a uma premissa básica: ele tem que ser, antes de mais nada, um *bom leitor* e tem que gostar de *produzir escritas*.
- Ele deve ler textos de diferentes naturezas; ler os textos de forma diferente, já que lemos para nos distrair, para ampliar o conhecimento, para sentirmos prazer estético, no caso, com textos literários de ficção e poemas.
- A leitura na escola é uma atividade individual, mas, fundamentalmente, social. É importante, pois, que grupos de

alunos criem, por exemplo, *coletivamente uma história*. É importante também que as crianças contem histórias aos colegas e ao professor.

- O texto anotado pelo professor deverá ser retrabalhado e, assim, vamos ensinando aos pequenos, através de contínuas *negociações* (aluno-aluno; aluno-professor), como se dá a complexa passagem da fala, da língua oral para a escrita. Essa passagem não é automática e exige várias operações cognitivas e linguísticas, já que a escrita é uma *representação simbólica* da fala.
- Alguns textos não contam histórias ficcionais, como: regras de um jogo, montagem de um objeto e a orientação de como tomar um medicamento, esses, é preciso que o professor esteja atento, pois, são fundamentais para nossa vida cotidiana.
- Nem sempre os textos nos são transmitidos por escrito. É o caso dos provérbios e ditados populares que passam oralmente entre os grupos, através dos tempos. Os alunos com a ajuda do professor poderá: pesquisar e desenvolver seus próprios ditos novos.
- O incentivo na biblioteca também faz parte da leitura.
- É importante orientar os alunos a compreender a comunicação e a informação que ocorrem através da leitura dos jornais, quadrinhos, rádio, CDs, TV, o computador.
- Além dos textos atuais o professor deve inserir contos de *fada, lendas e crônicas*.
- O professor e os alunos devem explorar os aspectos lúdicos, os jogos sonoros e gráficos, as rimas, o ritmo de poemas, os recursos como aliterações, assonância e figuras, próprios aos textos poéticos, que se constrói diferente dos demais textos.

7. PROBLEMA

O propósito aqui é apresentar uma pesquisa, no sentido de entender como os discursos tradicionalmente vinculados à escola estão dialogando com as linguagens dispersas, num conjunto de meios que vão do rádio à televisão e cujos impactos sobre professores e alunos são evidentes.

Parece que pensar sobre essa tensão discursiva é um dos pontos importantes para se poder ajustar procedimentos que consigam melhor equacionar problemas vinculados tanto às práticas escolares, num mundo marcado pela rapidez das transformações, como às novas formas de sensibilidade geradas ou desenvolvidas na sala de aula.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ECO, Umberto. Apocalípticos e Integrados. São Paulo, 5ª ed. Perspectiva, 1998. 386p.
- KRAMER, Sônia. Com a pré-escola nas mãos: uma alternativa curricular para a Educação Infantil. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1993.
- LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da Escola Pública: A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos. 6ª ed. Loyola, São Paulo: 1984. Coleção Educar 1.
- MARCONDES FILHO, Ciro. Televisão: A vida pelo Vídeo. 13ª ed. Moderna, São Paulo: 1996. Coleção Polêmica, 119p.
- ROCCO, Maria Thereza Fraga. Viagens de Leitura. Cadernos da TV-Escola MEC.DF.?. 58p.
- SHAWARTZ, Tony. Mídia: O Segundo Deus. São Paulo. Summus. 1985. 186p.
- _. INTERCOM 97 e 98, GTS Comunicação e Educação
- _. REVISTA COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO. USP, Ed. Moderna, n.º 05.
- _. REVISTA COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO. USP, Ed. Moderna, n.º 08.
- _. REVISTA NOVA ESCOLA. Ano XIII, n.º 118, dezembro, 1998.
- _. REVISTA FORMA & CONTEÚDO. N.º 02, agosto, 1990.